

# O ARTILHEIRO.

*Alguns vão malajzendo, e blasfemando  
Do primeiro, que guerra fez no mundo,  
Outros a sede dura vão culpando  
Do peito cubizoço, e sitibundo;*

CANÕES.

PORTO ALÈGRE, NA TYPOGRAPHIA DE CLAUDIO DUBREUIL E C.— ANNO DE 1837.

## Cada um no seu Emprego.

Foi com indisivel satisfação, que o Artilheiro leu no Campeão de 7 do corrente o projecto de resolução apresentado na Assembléa Provincial desta Provincia pelo Sr. Deputado *Sebastião Pinto do Rego* sobre serem excluidos os Ecclesiasticos dos cargos de Juizes de Paz, Advogados em causas crimes, Promotores publicos, Jurados etc. e do alistamento em a Guarda Nacional ou Policial Permanente: louvores sem fim a este illustre Deputado por empregar o seu reconhecido talento em um objecto tão util, e que ha muito devéra ter merecido a attenção dos Legisladores. Não he porque um Ecclesiastico não seja tão habil para exercer esses cargos, como qualquer outro cidadão; pelo contrario, elle pelos conhecimentos, que deve ter, merecia a preferencia; mas todos esses cargos ou são incompativeis com seu estado, ou o seu exercicio lhe he vedado pelos Canones, o Concilios, cuja observancia com solemnes juramentos se obrigou a seguir.

Na verdade nada mais rediculo, nem indecoroso do que um Ministro do Altar exercer cargos civis. Nós vemos, q' entre os Romanos, os *Flumines*, ou sacerdotes, e mais pessoas, que se dedicavão ao culto de suas falsas Divindades, não tinham ingerencia alguma nos negocios civis, a sua profissão era aquella, e tudo que não fosse tendente ao culto

dos deozés, lhes era estranho. Entre os Mahometanos, que seguem uma religião falsa, mas mais aproximada á nossa, ha os *Emauns* ou sacerdotes curas d'almas, e o seu emprego com exclusão d' outro qualquer he só o das funcçoens ecclesiasticas. Se procurarmos exemplos veremmos, que entre as nações mais barbaras, e selvagens as pessoas destinadas ao culto religioso não exercem cargo algum civil: agora nós que seguimos uma verdadeira Religião, he que havemos de querer, que os nossos Sacerdotes, os Ministros do Altar exercão cargos civis, quando isso lhes he prohibido pelas Leis da Igreja? He querer que elles sejam mãos Sacerdotes; porque os obrigamos a exercer aquillo que lhes he prohibido.

Assim mesino o cargo civil, que parece menos incompativel com o seu Ministerio, he o de Juiz de Paz, se se limitasse só ao de simplez conciliador; mas se este cargo mais parece o de Juiz de guerra do que de paz, pelas muitas, e grandes attribuições, que em si reúne, como poderá ser compativel com o Ministerio Ecclesiastico. Alem disso um Sacerdote tem certas rezas quotidianas, que deve faser, e que não pode deixar de cumprir nas horas determinadas, sem incorrer em alguma censura ecclesiastica: ora como poderá elle cumprir o seu dever ecclesiastico tendo a exercer um cargo civil, que lhe toma todo o tempo? Os Israelitas tinham uma tribu privativamente destinada para o culto

OO réis  
á boa  
francas

O réis  
á boa  
ancas

cri-  
aze-  
ento  
no-  
li-  
na  
de  
to  
s,  
2-  
a

vor da  
bouca;  
em em  
ou an-  
grandes  
foto se  
os; mas  
eles, e  
um del-  
opera-  
como  
do do  
divino  
e luma  
a mo-  
brida-  
tares  
de Se-  
nte da  
u. Não  
, e se  
rio de  
sua  
d  
ve  
sua  
fose  
Ma  
du  
s d

Divino, esta era a de Lei: das outras tribus he que se tiravão os Juizes, e mais empregados civis; porque entre nós não ha de acontecer o mesmo? Alazo estamos nós tão faltos de homens, que vamos tirar á Religião os seus Ministros para os empregar em cargos, que podem ser exercidos por qualquer outro cidadão? Não; não he justo ahí está o motivo de haver tão maos Sacerdotes (com respeitosas excepções) ahí está o motivo do aviltamento religioso.

Isto que acontece com um Sacerdote exercendo o cargo de Juiz de Paz, tambem acontece com o de Promotor publico, com o de Jurado, acrescento de mais, o não poder dar sentença de morte, ou de derramamento de sangue. He de esperar pois, que o projecto de resolução appresentado pelo illustre Deputado mereça a approvação da Assembléa por ser justo, útil, e necessario. O Artilheiro inda quisera mais alguma coisa além do especificado no projecto mencionado: quereria que um Sacerdote não exercesse cargo algum, que não fosse ecclesiastico, e dos dados ou confirmados pela Igreja; por que só assim se conseguiria fazer a reforma, que se necessita, no Clero.

Pode ser que esta doutrina não agrade a alguns Ecclesiasticos, que sejam ambiciosos, e que queirão abarcar o Ceo com as pernas, como se costuma dizer; mas elles tem muito, com que satisfazer a sua ambição no estado ecclesiastico, onde ha vigários, conegos, deões, monsinhores, bispos, arcebispos, cardias etc: fação força de veila, e veção se conseguem algum desses logares por seu saber, conducta exemplar, e merecimentos.

### OS PETITS MAITRES.

Ficarão tão ufanas as mulheres pela to-a, que o Artilheiro deu com o N. 11 nos *petits maitres*, que nem Pirú quando os moleques lhe asobião: agora sim, disse uma certa, o Artilheiro brilhou, pôde até regular com os seus quatro dentes todas as peças que sahio; porque nos fez justiça, e todas que os fizesão são mil vezes mais cri-

minosos, que nós: eu tinha muita raiva do Artilheiro, elle ja foi causa de meu marido me não comprar certos enfeites modernos, que eu lhe pedi, e quando eu insistia, elle me dava o Artilheiro para ler; porem, agora eu lhe pagarei na mesma moeda, e prometto consumi-lo com o Artilheiro. Ora a que tem suas mercês mais uma razão para o Artilheiro proseguir com a materia incetada no N. 11 a respeito dos *petits maitres*: o que então disse servirá de exordio para o que agora passa a dizer dos taes senhores.

A cabeça de hum *petit maitre* he á semelhança das mulheres um theatro de mil modas muy ratonas. Os nossos antigos (pois passa por certo que desde o principio do mundo sempre houverão *petits maitres*) uzavão modas mais exquisitas do que nós, apezar de em Paris haverem homens cuja profissão não he outra, se não inventar modas: hoje em dia nada vemos alguns velhos cuidadosamente conservarem as modas do seu tempo e se não forão elles seria impossivel fazer idéa do seu gosto. Na verdade haverá moda mais exquisita do que a de rapar á navalha de barba a cabeça, e depois encaixar na cabeira um casco, como o de tartaruga, feito de cabello alheio todo ensebado, e com bordas de alguidar? Haverá moda mais parca do que a de apolvilhar o cabello? Haverá moda mais sem graça do que as dos rabixos estendidos pelas costas abaixo alaiá de rabo de cavallo? Pois tudo isto uzavão os antigos *petits maitres*, e achavão tam bonito, como um moleque novo acha um barrete encarnado!

Os antigos fzião mais despesa com as cabeças, do que os nossos *petits maitres*; porque se aquelles querião audar no tom, era preciso mandar pelo menos de oito em oito dias á cabeleira ao mestre para a rizar, ensebar, apolvilhar e ceteras pouca despesa fazem; porque apenas pagão ao barbeiro por lhes aparar o cabelo: o mais arranjo todo o *petit maitre* sabe fazer; a escovinha com o espelho nas costas anda no bolso, e na rua meo aná o cabelo com espo, que

he a melhor pomada para o conservar. Por ora a moda mais do tem he cortar bem rente o cabello desde alto da cabeça até o caxaço; e o resto apenas esporta os esta moda quem a uzou primeiro forão os caxorros d'agoa, vulgo caxorros inglezes, e a imitação delles os *petits maitres*, depois. Se não fora esta moda de cabello muy mal se achavão os *petits maitres* em certas occasiões; porque quando se sentem embaraçados, e para não estarem ociosos o seu desabafo he peuntar com os dedos as melenas, ora estudando-as para cima, ora retorcendo-as até tomarem a configuração de chifres de carneiro: isto acontece mais frequentemente quando elles namorão. É muy engraçado ver um *petit maitre* namorar a sua *niufa*; o desabafo della he o leque q' anda em uma roda viva, as luvas, ou o lenço, e o do pobre bajoujo são as melenas!

Inda hade vir tempo, que os *petits maitres* hão de uzar o cabelo amarrado como as mulheres, por ora pouco falta; porque o cabelo repartido formando uma estrada ja elles uzão, as melenas podem formar crespos, o que falta só, he deixar crescer o cabelo de detraz para ser amarrado, esustentar o pente! Inda não lembrou isso aos inventores de figurias, senão ja vimos os *petits maitres* mulherilmente toucados; o Artilheiro se escapar da escarlátina, das bixigas, e das ballas dos farrapos inda espera ver isso. Mas que geitinho não fará a qualquer, quando queira obsequiar com a competente roda de caclhões um *petit maitre*, pasar-lhe a mão ás melenas, e dar á seu gosto! Para o que informe certo sujeito, q' constando-lhe que um *petit maitre* se gabava de lhe namorar uma filha, quando aliás era uma escrava, apañhou o sucio em flagrante, e passando-lhe o galazio nas melenas deo-lhe á sua satisfação uma boa doze de bofetões, q' lhe fez enchar os queixos! Abençoadas mãos, que tal fizerão. Até outro dia.

### As Farrapas andão doudas.

Se houvesse Santo Officio, muito tinha elle que fazer com as *Farrapas* pelos

sacrilegios, e ofensas que fazem ns sagradas Image dos Santos! Quando não ha noticias favoraveis a Legalidade passão as Santos optimamente com as *Farrapas*; porque ha farrapa que gasta mais cera em novenas, setenarios, e orações, do que no tempo de entrudo com limões de cheiro, mas a intenção, com que rezaõ he *pharizaiça* como ellas: a sua supplica não he outra senão para q' os machos entrem, e para verem dar bolos nesta ou naquella Legalista, e cortar as orelhas, o pescoco, o bigode dos *Caramurus*. Ah! *Farrapas* de mil diabos não vos dará a escarlátina? Não sabeis, que zurros de burros não cheção ao Ceo? Rogar a Deos com entenção de offendel-o, procurar a intervenção dos Santos para conseguir uma coisa injusta, he mesmo que um ladrão fazer promessas para roubar a seu salvo.

Cada vez, que se emprehende alguma sortida, cujo effeito he bom para a Legalidade, ou que correm boas noticias, os Santos são martirisados pelas *Farrapas*: inda aquelles que morreirão, martires ás mãos dos infieis não devem estranhar o tratamento; porem aquelles que não alcançarão a palma do martirio hão de estranhar por certo! Ha farrapa tão damnada, que chama mais nomes injuriosos a um Santo Antonio, que tem q' nem as quitandeiras, quando bulhão umas com as outras! Que promessas não fez esta *bruxa* para que se se perdesse na costa o barco, q' conduzio da Corte esta tropa, que chegou! Dizia a excommungada: se o barco se perde não escapa um só, e o que escapar o Onofrinho (que nome mais meigo!) manda-o logo degollar: mas que furor bacchanico senão apoderou della, quando viu desembarcar a salvamento a tropa! Semelhante a uma *cadella* raivosu foi-se a Santo Antonio, e arrancando-o do Oratorio ao som de descomposturas, o meteo na cosinha dentro de um barril cheio d'agoa de cabeça para baixo.

Ha outra farrapa que tem uma Imagem de S. Antonio, com um ponxezinho encarnado feito por ella: se as noticias

OO réis  
á boa  
francas

O réis  
á boa  
francas

cri-  
aze-  
ento  
no-  
li-  
in  
da  
to  
s,  
2.  
o-  
a:

vor da  
ouca;  
m em  
un'au-  
grandas  
leão se  
os; mas  
ades, e  
m del-  
opera-  
como  
do  
d'arbo  
e leu-  
a mo-  
brida-  
tudes  
de Se-  
nte da  
u Nas  
, e se  
em d  
como  
fado  
do  
do  
do  
do

São boas para os farrapos vai o Santo para o Oratorio com o seu ponho, e ganha 3 vellas de cera, se são boas para os Legalistas, sabe o Santo de la, e he posto em despreso, que nem mocamba, que incorre no desagrado de sinhá.

São mui desavergonhadas as farrapas! Que coisas não levantarão ellas depois da sortida do dia 29? Uma asseverava, que da nossa gente morrerão tantos, q' não sendo possível carregal-os todos para dentro, tinha sahido de noite a gente dos pontos para os condusir: outra dizia que tudo fugio mal avistarão os *lheres*: em fia não se viu nesses dias senão as farrapas andarem em romaria das casas de minas para as das outras, que nem as baratas, quando sentem a correição das formigas!

Quem faz a festa são as farrapas, e quem sente o prejuizo são os *nachos*, q' coitados! sabe Deos como se arranjão, e as dores que sentem por causa das feridas que receberão! Porque não vão as farrapas la para o acampamento dos *lheres* comer o churrascozinho, e a tallhada de abobora? Quem lhes pega, que não vão? Não he millior depois entrar em triumpho com o Camello? Pois era melhor, que fossem, e não nos estivessem cansando mais peste na Cidade.

#### PERGUNTA.

Conhecendo o Artilheiro a satisfação, que tem seus Leitores; quando elle faz roncar o bronze (no que se parecem com elle) para os contentar, hia despedir uma bomba por causa da remoção de Bento Gonçalves para as prisões da Bahia, quando um seu correspondente lhe enviou um *communicado*; cómo o seu conthendo seja justo (pelo que parece) pôz de parte o obuz, para dizer alguma coisa collida no mesmo *communicado*, que versa todo na refutação da correspondencia inserta no *Campeão* n. 67, mencionando alguns militares de primeira linha desempregados, entre os quais sobre sabe a todos o Sr. Capitão Casimiro.

O Artilheiro não aceita obra de outro,

tanto porque tem bastante obra sua para preencher a folha, como porque ignorando a veracidade dos factos, justiça ou injustiça, com que podem ser expostos, não quer servir de vehiculo para se fomentar a intriga, discórdia, e desunhão; porem segundo se collige do *communicado* parece ter razões de sobra o correspondente não para refutar a dita correspondencia, mas para se queixar pelo que diz respeito ao Sr. Capitão Casimiro: he por esse motivo, que o Artilheiro toma sobre si esse negocio.

O Sr. Capitão Casimiro he um militar honrado, de grande prestimo, e acerrimo Legalista, pelo que tem soffrido muito, e foi massacrado no tempo da *gloriosa*: parece que pede a justiça, que attendendo-se á sua qualidade d' Oficial de 1.º L.º, á seus honrados sentimentos, e relevantissimos serviços, seja empregado: elle está nas mesmas circumstancias, que o Capitão Anja; porque ambos servirão de Majores de Brigada: aquelle, segundo a Ordem do Dia de 14 d' Agosto foi chamado para ser convenientemente empregado, e este segundo a queixa do correspondente tem ficado em esquecimento — O Artilheiro conhece, que não se devem criar lugares novas para empregar quando Militar avulso haja, mas tambem conhece, q' os Militares de 1.º L.º avulsos, ou desempregados, cujo prestimo, e sentimentos sejam bons, devem ser empregados com preferencia a outros quaesquer. uma razão mui forte, e contra a qual nada se pode dizer aponta o correspondente, e vem a ser: que ha Officiaes de 2.º L.º, reformados, e de G. N. occupando lugares, q' não devião pertencer senão aos de 1.º L.º effectivos, e isto por justiça, e economia, e na sua falta os outros: logo se isto assim he, qual será o motivo, porque não he empregado o Sr. Capitão Casimiro?

Nada mais avança por ora o Artilheiro, e espera receber a mesma consideração, q' teve o *Campeão* em o n. 67, quando no 68 fallou em identico objecto; porque se a resposta for plausivel como a que se deo ao *Campeão*, o Artilheiro responderá com um tiro de canhão ao seu correspondente por haver offuscado a verdade.

Porto A. Na Typ. de G. Dubreuil e C.